



Para a AOFA, o ministro da Defesa "não cumpre a lei" que o obriga a receber as associações de militares

# Oficiais avisam que "nada os obriga a serem submissos"

Defesa. Carta aberta ao ministro censura-lhe falta de "clarividência" e de "respeito"

MANUEL CARLOS FREIRE

A Associação de Oficiais das Forças Armadas (AOFA) escreveu ontem uma carta aberta ao ministro da Defesa em que afirma que aos oficiais "nada os obriga a serem submissos, acomodados (pelos vistos daria jeito ao poder político que assim fosse), ignorantes e apolíticos", soube o DN. Trata-se de uma resposta verbalmente violenta contra as recentes declarações de José Pedro Aguiar-Branco, cuja demissão parece implicitamente defendida pelo presidente da AOFA, coronel Manuel Cracel.

"As Forças Armadas são insustentáveis, senhor ministro? Não são! Estão!", lê-se na carta, enviada ontem a todos os oficiais das Forças Armadas e que, dada a lógica interna da AOFA, teve de merecer o acordo das suas várias sensibilidades (incluindo oficiais gerais tidos como conservadores). Sobre a crítica ministerial de que "as associações profissionais de militares fazem política, até partidária", a AOFA interroga: "Denunciar perante a opinião pública as medidas lesivas e, consideramos nós, carregadas de falta de respeito pela dignidade de quem jurou e serve abnegadamente (sem se servir) a Pátria, é fazer política?"

"Será, portanto, política alertar para situações de que poderão decorrer a penalização dos militares e das Forças Armadas, dando a conhecer, a título de exemplo, a forma como (...) os militares veem o modo como tem vindo a ser tratado o dossier BPN, obrigando uma significativa parcela do orçamento a ser desviada para dar cobertura, tudo leva a crer, às consequências de criminosos desmandos?", pergunta também a AOFA. "Não consideramos política e, muito menos, política partidária, tal postura. Trata-se, isso sim, do uso de um direito que a própria cidadania impõe", enfatiza o presidente da AOFA.

Evocando Martin Luther King ("o que mais preocupa é o silêncio dos bons!"), a AOFA escreve: "Procuramos fazer parte do grupo daqueles para quem o silêncio, a passividade e o conformismo não são modos de estar na vida." Donde, "pela ação, mas fundamentalmente pela inação [e] também dando voz ao descontentamento de muitos que se sentiram humilhados com as palavras" de Aguiar-Branco, "nos termos em que o fez, entendemos que o cargo de que, senhor ministro, é responsável bem mereceria outra clarividência ao serviço de uma causa maior: a da Pátria". Cracel acusa ainda Aguiar-Branco de cometer "uma insanável contradição": reconhece "existirem ra-

'SIC'

"Utilizar o protesto militar como forma de intervenção pública, política e partidária é grave"

"Se não sentem vocação, estão no sítio errado. Antes de protestar precisam de mudar de carreira"

JOSÉ PEDRO AGUIAR-BRANCO  
MINISTRO DA DEFESA

"Entendemos que o cargo de que, senhor ministro, é responsável bem mereceria outra clarividência ao serviço de uma causa maior: a da Pátria"

CORONEL MANUEL CRACEL  
CARTA ABERTA DA AOFA

## RAZÕES DE QUEIXA

• A indignação dos militares tem evoluído em crescendo. Eis algumas razões.

### PROMOÇÕES

• **Congelar** as promoções, somado à redução de efetivos e à "persistente suborçamentação" das despesas com pessoal, "objetivamente contribuem para a descaracterização e desarticulação das Forças Armadas".

### SAÚDE

• **Agravar** o apelo à saúde é "um dos maiores atentados à condição militar": aumento das comparticipações, pagamento de taxas moderadoras pelas familiares, extensão aos reformados das regras dos restantes militares.

### INDIFERENÇA

• **Desmotivação**, insegurança e falta de confiança são "claros sinais cuja natureza deveria ser motivo de preocupação de qualquer responsável pela Defesa" e que Aguiar-Branco "parece não levar em conta".

### CONTRAPARTIDAS

• **Equiparar** militares a funcionários públicos mas "continuando a sujeitá-los à totalidade de especiais deveres" sem "contrapartidas morais e materiais adequadamente justas [é] uma atitude muito pouco séria".

zões de descontentamento" nas fileiras mas recusa receber as associações, o que é "ignorar [o] quadro legal" vigente. "Isto sim, senhor ministro, é insustentável!" "As associações deveriam ser auscultadas ou envolvidas em matérias do seu âmbito, situação que não acontece porque o ministro não cumpre a referida lei. Isto sim, senhor ministro, é insustentável", repete Cracel. "Incumbido de dirigir" a carta aberta após verificar o "sentimento generalizado de desgosto pelo teor das afirmações" do ministro.

Como pano de fundo desta polémica estão também declarações recentes do ministro desafiando os militares em "vocação" a "mudar de carreira": "Se não sentem vocação, estão no sítio errado. Se não sentem, antes de protestar precisam de mudar de carreira. Sem drama, sem ressentimento." Por outro lado, o Presidente da República e o seu chefe da Casa Militar recusam-se a receber as associações de militares desde o início (março de 2006), apesar da legislação e da prática do antecessor, Jorge Sampaio. Com Cavaco assistiu-se ainda a uma manifestação de militares que terminou com assobios ao Presidente, após o que este recebeu o principal chefe militar — pela primeira vez em nove meses de mandato do general Luís Araújo.